

O MUNDO PÓS-KIOTO

Sem limites para a poluição global

Com o fim da vigência do protocolo que restringia emissões de países, novo acordo deve focar na pegada de carbono do consumo

CESAR BAIMA
cesar.baima@oglobo.com.br

-RIO E DOHA- É fato. A partir de 1º de janeiro de 2013, nenhum país do mundo estará obrigado a cumprir metas de emissão de gases causadores do efeito estufa. O fim dos compromissos assumidos no Protocolo de Kioto, assinado há 15 anos, deixará o planeta sem um tratado internacional de combate ao que grande parte dos cientistas acredita estar por trás do aquecimento global e das mudanças climáticas.

Reunidos em Doha, no Qatar, para a 18ª Conferência das Partes da Convenção do Clima das Nações Unidas (COP-18), representantes de quase 200 países não deverão chegar a um acordo para uma possível prorrogação do já esvaziado protocolo. E só levarão à frente as conversas em torno de um novo pacto a ser fechado em 2015, mas cujas obrigações só entrariam em vigor a partir de 2020 ou, quiçá, em 2030, porque “concordaram em concordar” com isso no encontro anterior, realizado em Durban, África do Sul, no ano passado. A causa do impasse é velha conhecida: os países desenvolvidos querem que as nações emergentes como Brasil, China e Índia também assumam compromissos para suas emissões, o que não aconteceu em Kioto.

— Temos que mudar o jeito que negociamos. A máxima operante hoje é: se você não fizer daí, eu não faço daqui. É tudo uma questão de transferência de responsabilidades — resumiu o embaixador André Corrêa do Lago, chefe da delegação brasileira em Doha.

OPORTUNIDADE PARA NOVO MODELO

Estas discussões, no entanto, apresentam a oportunidade de mudar o modelo adotado em Kioto e que fracassou em seu objetivo de reduzir as emissões globais de gases-estufa, aponta Dieter Helm, professor de Política Energética da Universidade de Oxford, em artigo publicado na edição desta semana da revista “Nature”. Segundo Helm, observar apenas as emissões totais dos países, sem levar em conta sua pegada de carbono, isto é, as emissões associadas à produção de bens e serviços que consomem, deixou o campo aberto para a simples transferência de indústrias poluidoras e de alto uso de energia dos países desenvolvidos, que tinham metas a cumprir, para as nações emergentes, as quais estavam livres de limitações sob o protocolo.

“O aquecimento global não considera fronteiras nacionais. Se um consumidor americano compra um carro, não faz diferença se o aço do qual ele é feito foi fabricado nos EUA ou na China”, argumenta Helm.

Assim, apesar de a maior parte das nações ricas ter cumprido suas obrigações e

o grupo ter reduzido suas emissões totais em cerca de 16% com relação ao níveis de 1990, a Humanidade continuou a lançar cada vez mais poluentes na atmosfera, ultrapassando 50 bilhões de toneladas de CO2 equivalente (que inclui metano, óxidos de nitrogênio e outros gases-estufa) em 2010, quase 31% acima de 1990. E a discussão ganha ainda mais relevância diante do fato de o Qatar, sede da COP-18, ser um dos maiores poluidores per capita do planeta, com emissões de 63,66 toneladas de CO2 equivalente por habitante em 2010, mais de sete vezes as 8,31 toneladas de cada brasileiro.

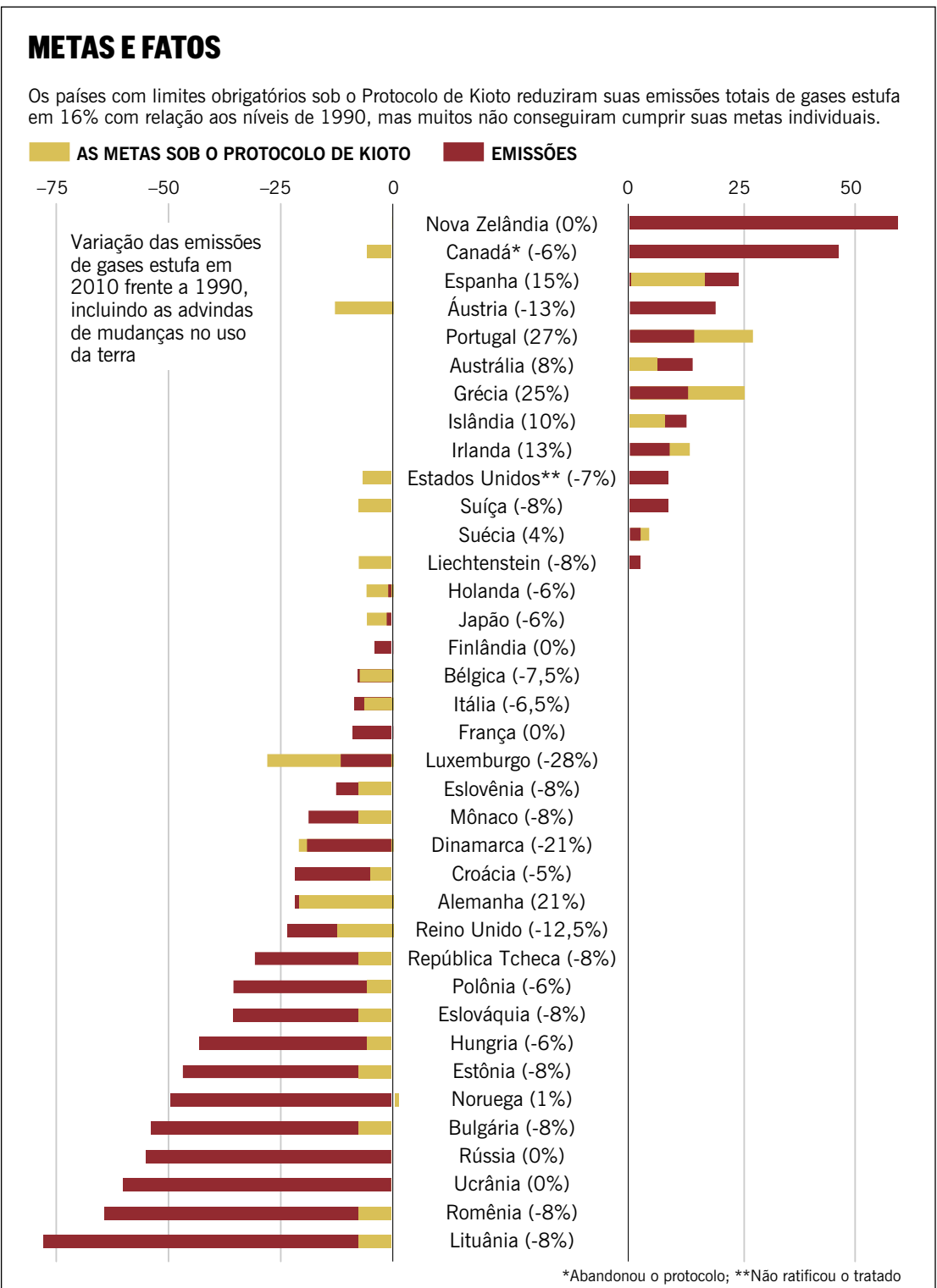
E enquanto os diplomatas discutem em Doha o mundo pós-Kioto, a natureza segue seu curso. Em relatório lançado ontem na COP-18, a Organização Mundial de Meteorologia (OMM) afirmou que 2012 deverá ser o nono ano mais quente desde o início dos registros, em 1850, apesar de seus primeiros meses terem sofrido o efeito resfriador do fenômeno La Niña.

— As mudanças climáticas estão acontecendo diante de nossos olhos e continuarão como resultado das concentrações de gases-estufa na atmosfera, que aumentam constantemente e atingiram novo recorde — disse Michel Jarraud, secretário-geral da OMM.

O Painel Intergovernamental sobre Mudanças do Climáticas (IPCC) também lançou em Doha novo alerta sobre os riscos de eventos extremos.

— Para a maioria da população, as mudanças climáticas só fazem sentido quando são visíveis aos olhos. E eventos como o furacão Sandy são o melhor exemplo disso — lembrou Jean-Pascal van Ypersele, vice-presidente do IPCC. ●

Colaborou Nathália Clark, especial para O GLOBO



TORNADO, FENÔMENO RARO, ATINGE O SUL DA ITÁLIA

Em uma amostra dos danos que podem trazer eventos climáticos extremos, um violento tornado, fenômeno raro na Europa, atingiu o Sul da Itália na manhã de ontem, passando por uma siderúrgica em Taranto (foto) e deixando, em toda a região, 20 feridos e três mortos. Os tornados ocorrem no continente durante transições meteorológicas de massa de ar quente para ar frio ou vice-versa.

EUA: indústria do fumo deve admitir mentiras

Juíza federal ordena confissões públicas de que ‘enganaram americanos por décadas’

A juíza federal Gladys Kessler, da Corte do Distrito de Columbia, nos Estados Unidos, ordenou que a indústria do cigarro financie uma campanha pública destinada a mostrar que, no passado, divulgou mentiras sobre os riscos do fumo, o que teria resultado, segundo dados da Justiça, na estatística atual de 1.200 mortes por dia.

Os detalhes da campanha e os custos ainda não foram determinados pela Justiça. As empresas podem recorrer da decisão.

De acordo com a juíza, os fabricantes de cigarros deverão inserir, antes de cada peça de propaganda, seja em que meio for, as declarações de que “deliberadamente enganaram o público americano quanto aos efeitos do fumo à saúde” e ainda de que “intencionalmente desenvolveram cigarros mais viciantes”.

Entre outras sugestões de confissões dadas pela juíza, estão aquelas que sustentam que o “fumo causa mais mortes que assassinatos, Aids, suicídios, drogas, batidas de carro e álcool juntos” e que “o fumo passivo mata mais de 3 mil americanos por ano”.

REUNIÃO COM FABRICANTES

A briga não é novidade. O caso é debatido na Justiça desde 1999. Em 2006, a mesma juíza declarou que os maiores fabricantes de cigarro dos Estados Unidos haviam escondido os perigos do fumo por décadas e propôs declarações corretivas das empresas em diversos tipos de anúncios.

A novidade é que, agora, Gladys determinou exatamente o conteúdo das campanhas publicitárias.

No próximo mês, o Departamento de Justiça dos Estados Unidos deve se reunir com os representantes das empresas de tabaco para discutir a forma como serão executadas as instruções nos maços de cigarros, sites, nas emissoras de televisão e rádio, além dos jornais.

As companhias de tabaco tentaram derubar a necessidade das ações, chamando-as de “confissões públicas forçadas”. Chegaram a afirmar, também, que as declarações foram elaboradas para “envergonhar e humilhar” os fabricantes. Pediram, ainda, a possibilidade de ter confissões mais leves sobre efeitos na saúde e características viciantes.

Gladys, no entanto, fez questão de lembrar que todo o conteúdo sugerido para as campanhas tem como base investigações detalhadas e pesquisas feitas pela corte.

— Este tribunal fez uma série de descobertas sobre fraudes e mentiras das empresas de tabaco que aumentaram o vício de cigarros e nicotina entre a população — alegou Gladys.

Ontem, representantes das maiores empresas de cigarros no país evitaram dizer que irão recorrer à Justiça. Todas, porém, prometem estudar com calma os detalhes de cada mensagem sugerida pela juíza.

Trata-se de mais um golpe na indústria tabagista. No início da semana, um estudo do King’s College, que acompanhou mais de 8 mil pessoas ao longo de oito anos, sustentava que o fumo faz o cérebro “degenerar”, por interferir na memória e na cognição ●

Opinião

OMISSÃO

HÁ EXEMPLOS deprimentes de falta de profissionalismo e empenho na saúde pública.

ENTRA NESTA lista o descaso do governo fluminense demonstrado pela falta de estatísticas sobre a incidência de câncer de colo de útero na cidade do Rio de Janeiro.